

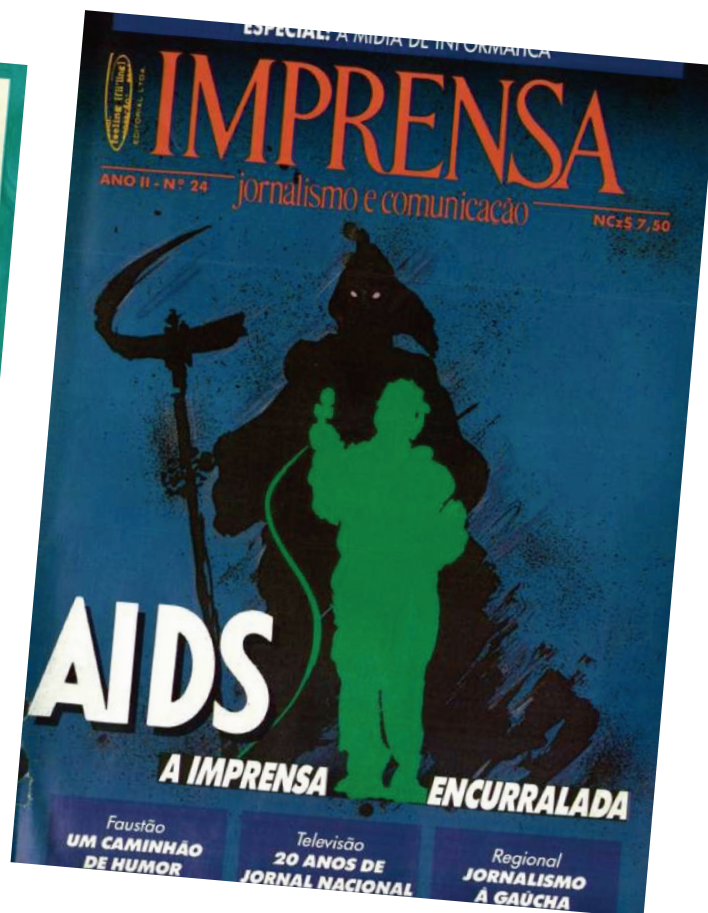
SOCIEDADE PAUTA A IMPrensa BRASILEIRA

NESSE TRINTENÁRIO, O MUNDO E O BRASIL EVOLUÍRAM EM VELOCIDADE ESTONTEANTE POR CONTA DA DINÂMICA DO CÉREBRO HUMANO E DA TECNOLOGIA QUE DISPONIBILIZOU FERRAMENTAS NOVAS QUE ACELERARAM O PROCESSO DE CONHECER, TRANSMITIR E ARMAZENAR CONHECIMENTO. E COM A INDÚSTRIA DA COMUNICAÇÃO, E NELA O JORNALISMO, NÃO FOI DIFERENTE

POR SINVAL DE ITACARAMBI LEÃO
DIRETOR DE IMPrensa

IMPrensa

30



As relações do jornalismo com a sociedade obedeceram a lei da evolução histórica, pegando um momento especial que foi a restauração da democracia no Brasil e outro revolucionário, o da digitalização do conhecimento. De fato, a internet alterou os modos de produção no mundo, e no Brasil esse parto está sendo doloroso.

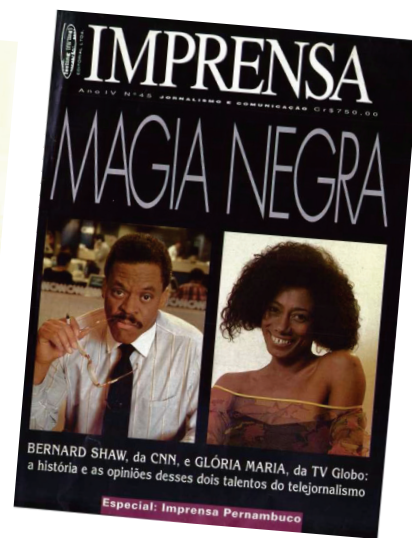
As 30 capas escolhidas, para registrar as mudanças importantes vividas pelo Brasil nesses 30 anos, são indicadores de sua contemporaneidade e proatividade com a sociedade. Nascida durante a Constituinte Cidadã (1987/88), a Revista IMPRENSA incorpora o signo da libertação e da cidadania. Elege como seu objeto editorial a cobertura do jornalismo. Livre iniciativa e liberdade de imprensa são seus fundamentos. É nesse espaço democrático que a editora viveu e se transformou com o trade jornalístico no período.

MUDANÇAS TRANSFORMADORAS DA SOCIEDADE

O objeto editorial desde seu primeiro número foi o de cobrir jornalisticamente o jornalismo, com a metodologia do contraditório. Capas como “Correspondentes da guerra urbana”, “Imprensa

sem ética”, “Esse menino vai morrer” e “Sociedade reage contra a imprensa” tiveram matérias que perscrutam a natureza da profissão jornalística. As dificuldades de cobrir pautas como Aids, violência urbana, os preconceitos de gênero, raça, criança e juventude, eliminação da pobreza e desatenção às minorias espelham desafios pertinentes à volta da democracia. Vencida a ditadura, a sociedade e o jornalismo foram à desforra. O denunciismo, onde a ética jornalística foi a primeira vítima, foi recorrente nos anos dos presidentes Sarney, Collor e Itamar. Houve excesso e paixão na cobertura de dossiês políticos e pautas sociais. Não por acaso, a própria sociedade ficou contra a instituição imprensa, naquela época, e sobretudo nos dias de hoje. A cobertura de polícia em função das reportagens malditas sobre o “Crime da Rua Cuba” e da “Escola Base” também propiciaria uma evolução no padrão da apuração. Morria o jornalismo de delegacia e se sofisticava a apuração e a reportagem.

“Pau no Francis”, “Rainhas da redação”, “Magia negra” [sobre Bernard Shaw e Glória Maria], “O supermercado gay” e “Aids: a imprensa encurralada”, além de perfis de jornalistas que interagem



intensamente com a sociedade, foram roteiros objetivando a intolerância, o assédio, o preconceito racial e sexual, a diversidade e a luta das minorias nas redações, pautas necessárias para realidades demandadas e ainda atuais.

Nesta breve seleção, separamos capas que ilustram o mercado de trabalho como “Livre para freelar”, “Há (novas) vagas” e “Qual seu plano b?”, além de matérias que fazem uma reflexão sobre a profissão. A reportagem “Quem é e o que pensam os jornalistas” destaca o perfil do jornalista contemporâneo. O fazer jornalístico nos

anos 1980 definia uma profissão desejada e glamourosa. Nesses trinta anos, esse glamour foi profissionalizado, o jornalista ficando com mais ônus que bônus. Não é a tipologia do boêmio, romântico ou diletante e muito menos o *outsider* de intenções inconfessáveis. Jornalista é o profissional de uma instituição consolidada onde não há mais lugares para amadores. Capas como “Nós somos webjornalistas” e “Blogueiros não são jornalistas” assumem o debate do digital na profissão e mostram uma profissão cada vez mais multiatarefada.





POLÍTICA E DESTINO

As relações poder e imprensa foram um pano de fundo permanente na vida da revista. Ela teve dezenas de capas com políticos e a partir da conjuntura brasileira. A divisão ideológica na eleição entre Collor e Lula, em 1989, não foi registrada em capas. Contudo, a decisão do presidente Lula de criar um conselho público para regular o jornalismo foi uma das capas mais polêmicas da publicação em seus 30 anos. “Jornalista precisa de conselho?” repercutiu nas redações e no Congresso. Houve reação ostensiva dos empresários

de comunicação e na maioria dos jornalistas que rejeitavam a lei. O governo petista desistiu, mas nunca arquivou o desejo de ter a imprensa sob controle formal do poder de plantão.

Outra tema estratégico foi a abolição da Lei de Imprensa. Em “Abaixo a Lei de Imprensa”, de agosto de 1995, melhor que a exumação do entulho autoritário da ditadura, ocorrido no STF, em 2006, foi a decisão de não regular o jornalismo, onde atuaram ministros do STF como Ayres Britto, Cármen Lúcia e deputados do calibre de Miro Teixeira. A sociedade civil com ONGs e associações do trade constituíram





uma trincheira para a tentativa de cercear o trabalho dos jornalistas.

A CHEGADA DA INTERNET

Tecnologia e inovação foram pautas muito recorrentes nos 30 anos da Revista IMPRENSA. Mas vale a pena examinar três que mais reverberaram e são icônicas. A primeira grande matéria de capa sobre a mudança aconteceu em novembro de 1987. A matéria retrata a informatização da redação de *O Globo*. Saíam as pretinhas, as máquinas de escrever, e entravam as branquinhas, os computadores [nomeados como PCs].

Eles geraram uma “Revolução silenciosa”, título da capa. Em seguida, discorria sobre a mudança que a inovação trazia para o modo de preparar o jornal que desceria à gráfica. Falava também sobre o trabalho alterado e potencializado dos profissionais que aderiram à informatização. Expressões estranhas passaram a vigorar e funções como a do diagramador, com suas régua, calculadoras e catálogos de tipos foram redefinidas a partir dos recursos digitais. Luiz Garcia, responsável pela qualidade do jornal, vibrava com as alterações, mas advertia que as mudanças apenas começavam. O maravilhoso estava ainda por vir.





A segunda grande capa sobre inovação foi em 1995. Convidava: “Venha para a internet você também”. Na linha fina, vendia-se o caminho das pedras para compartilhar a rede. A internet, na década de 1990, já era realidade e receitas. Seu conteúdo, além de documentação e banco de dados, trazia grupos se comunicando via e-mails e chats num espectro ilimitado de assuntos e interesses culturais, científicos e comerciais que iria logo se estruturar como mídias sociais. A matéria tinha uma intensão didática, mas o tom da reportagem fazia dela uma viagem sem retorno.

A terceira matéria icônica foi em 2015 e tinha por legenda “Um link de vinte anos”, fazendo menção à matéria anterior. Era um balanço que poderia se chamar biográfico porque no processo de digitalização das redações, o jornalista era o agente principal da revolução ocorrida. Segundo João Gabriel, diretor editorial da *Época*, a internet provocou duas grandes revoluções no jornalismo: a primeira foi na apuração. A segunda na edição. E acrescentava: “No mundo digital, o jornalista pode contar a mesma história usando diversas plataformas: texto, fotografia, áudios e vídeos. Trata-se de uma revolução na profissão.” **1**

